

UMA  
SOCIEDADE  
DE  
DOCES  
&  
MAGIA

ANMOSTRRA

UMA  
SOCIEDADE  
DE  
DOCES  
&  
MAGIA

J. PENNER

Tradução de **Giovanna Chinellato**



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2025

# Uma Sociedade de Doces & Magia

Copyright © 2025 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2023 J. PENNER

ISBN: 978-85-508-2707-0

*Translated from original A Fellowship of Bakers & Magic. Copyright © 2023 by J. Penner. ISBN 9781464248597. The moral rights of the author have been asserted. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2025 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P416s

1. ed. Penner, J.

Uma sociedade de doces & magia / J. Penner ;

Tradução Giovanna Chinellato. – 1.ed. –

Rio de Janeiro : Alta Books, 2025.

272 p. ; 13,5 x 21 cm.

Título original: A fellowship of bakers & magic.

ISBN 978-85-508-2707-0

1. Cozy fantasy. 2. Receitas e magia. 3. Competição culinária. 4. Elfos e anões. 5. Fantasia romântica.  
I. Título.

CDD 813.6

### Índice para catálogo sistemático:

1. Fantasia: Culinária mágica: Romance fantástico – 813.6

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Coordenadora Editorial:** Illysbelle Trajano

**Produtora Editorial:** Beatriz de Assis

**Tradução:** Giovanna Chinellato

**Copidesque:** Ellen Andrade

**Diagramação:** Rita Motta

**Mapa:** Travis Hasenour

  
**ALTA BOOKS**  
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora  
afiliada à:



ANNOOSTRA

*Para todas as pessoas gentis.*



MAR DE  
SOMERDOWS

CORDILLERA  
DULVEDS

ADENASITR

Monte  
Dembreu

MONTAÑAS  
COLMORE

Florista  
Stalina

LANGHELM

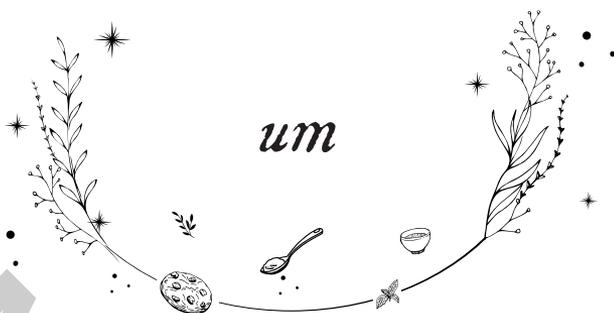


ANMOSTRRA

UMA  
SOCIEDADE  
DE  
DOCES  
&  
MAGIA

AMMO EXTRA





ma tortinha de framboesa com tomilho voou do carrinho velho e capenga de Arleta Starstone como se houvesse criado asas e decolado por livre e espontânea vontade. O doce se espatifou no chão; a fruta vermelha e adocicada explodiu para fora da massa fina e espirrou seu sumo melado pela terra com um terrível *ploft* úmido.

Arruinado.

– Ah, pelas estrelas do céu – murmurou a jovem mulher, com o cabelo grudando na nuca suada, o que só piorava a situação.

Arleta puxou o carrinho de mão para a lateral da estrada de cascalho de Adenashire, torcendo o nariz para o aroma frutado da tortinha arruinada que se misturava ao cheiro de terra molhada. Ela ajeitou depressa o restante dos doces para que mais nenhum escapasse.

Enquanto suspirava, levantou os olhos para os carvalhos que se esticavam lá em cima, onde um grupo de corvos com penas cor de ébano crocitava empoleirado e pipocando de galho em galho. Famintos, olharam o café da manhã à sua espera, que seria curta, já que ela não tinha tempo para limpar a bagunça que fizera perto da rua principal.

Estava atrasada. *De novo*. O dispositivo de tempo em seu bolso lhe informara isso antes mesmo de sair de sua cabana.

Arleta olhou apressada ao redor para conferir se alguém havia notado seu deslize.

Além dos corvos, parecia que ninguém percebera.

Arrependida de não ter amarrado melhor os longos cabelos castanhos antes de sair, Arleta puxou a saia de linho bege para cima e afastou as mechas soltas do rosto. Então, determinada, pegou a barra de metal do carrinho superlotado e marchou adiante. Com o coração acelerado graças ao esforço, analisou o terreno pedregoso à frente, calculando mentalmente o melhor trajeto pela confusão de rochas que se espalhava pelo caminho. Não perderia mais nenhuma mercadoria naquela manhã.

O tempo todo, o cheiro de pão fresco e doces recém-saídos do forno emanava do carrinho; o estômago dela roncou em protesto, lembrando-a de que havia se esquecido de comer antes de deixar a cabana.

*De novo.*

Verdreth e Ervash, o casal de orcs muito gentis que morava na casa ao lado, com certeza falaria um monte na orelha dela se descobrissem que não estava comendo direito. Sempre tentavam agir como se fossem seus pais, mas ela não era mais uma criança. Fazia muito tempo que não era.

Tempo. Só precisava de mais tempo no dia.

Mas *nunca* tinha tempo suficiente.

Todas as barracas já estariam reservadas se ela não chegasse ao mercado em menos de meia hora, então precisava pegar todos os atalhos possíveis. Tonix Figlet, o dono do mercado, nunca guardava um espaço para ela. Com aquele rosto redondo e peludo e a expressão fofinha, poderia passar a impressão de que os quokkans eram um povo gentil, mas tinham um passado sombrio nas Terras do Norte, embora ninguém soubesse bem o que era verdade ou não. Ao menos, ele aparentava viver à altura dos boatos infames. Tonix, sempre carrancudo, preferia muito mais alugar as barracas para mercadores de maior *prestígio*: elfos, anões, até um raro ogro com bens a negociar.

Humanos amálgicos como Arleta estavam no final de sua lista, junto com todos os outros que não tinham poderes mágicos.

Sem magia, sem respeito.

Mesmo que ela chegasse no mercado a tempo, Tonix certamente a empurraria para o fundo, onde teria de vender seus pães e doces por um preço ínfimo em comparação aos vendedores que arrebatavam os melhores lugares.

— Apesar de todo mundo ficar elogiando as minhas barrinhas de limão com cardamomo — resmungou em voz baixa.

Ao virar a esquina e entrar de fato no vilarejo, as rodas do carrinho de Arleta sacolejaram contra os paralelepípedos irregulares de Adenashire e o som ecoou pelo beco estreito. O cheiro pesado e acre de sobras e vegetais podres fez o nariz dela se contorcer. O fedor era tão forte que suprimiu totalmente os aromas tentadores de seu carrinho.

Ela se aproximou depressa da saída do beco e os sons do mercado começando o dia atingiram suas orelhas. Tonix Figlet estava no meio do caos em toda sua glória, com as patas cobertas de pelos marrom-acinzentados plantadas na cintura. Sua roupa, calças de veludo feitas sob medida e um casaco por cima da camisa de algodão passada recentemente, era simples, mas bem-feita e de qualidade, o que significa que ele levava uma boa vida como dono do mercado. Os olhos castanho-claros do marsupial desviaram para ela e, por um instante, o reconhecimento faiscou.

Então ele abriu um sorriso forçado, deu meia-volta e foi embora para o outro lado, na direção dos mercadores de linho.

Arleta xingou mais do que as estrelas.

Ela cerrou os dentes e puxou a carroça para a frente, determinada a encontrar um espaço para vender seus pães e doces não importa o que o quokkan pensasse dela. Arleta sabia que precisaria desembolsar uma parcela decente de súplicas nos minutos seguintes, mas voltar para a cabana com aquela quantidade de produtos em estoque não era uma opção. Não naquela manhã. Não depois de ter gastado a maior parte de seu orçamento semanal para comprar e fazer o que estava no carrinho. Ela precisava vender no mesmo dia, ou tudo estragara.

— Sr. Figlet! — chamou atrás dele.

A barra do carrinho estava escorregadia de suor, e seus braços tremiam com o esforço de puxar todo aquele peso. Sua voz soou alta, acima do barulho do mercado, e mais de um mercador olhou em sua direção.

— Sr. Figlet! — gritou de novo.

O couro gasto das botas do quokkan raspavam contra o paralelepípedo áspero ao parar de repente. Arleta simplesmente continuaria sendo uma pedra no sapato dele se não lhe desse atenção, sua teimosia não era segredo algum. Ele se virou.

— Sim, Srta. Starstone? — Assim que as palavras deixaram sua boca, ele apertou os lábios de marsupial e bufou. Do bolso, tirou um relógio dourado, espiou os ponteiros e mostrou para ela. — Sabe que horas são?

O desdém estava escrito em cada um de seus aspectos dissimuladoramente adoráveis, mas Arleta não se permitiu afetar. Em vez disso, estufou o peito, pronta para fazer o que fosse preciso para conseguir um lugar.

Implorar. Suplicar. Oferecer a Tonix Figlet doces de graça para o resto da vida.

Ela parou, e o carrinho atrás de si deu uma guinada, quase derrubando mais tortinhas de framboesa. Enquanto o quokkan esperava sua resposta, batendo o pé no chão, Arleta pigarreou. Ela espiou por cima do ombro e correu os olhos pelas barracas. Como esperado, o pior lugar ao fundo continuava disponível, e os clientes estavam só começando a chegar.

Ainda dava tempo de preparar tudo.

— Sim, Sr. Figlet. Estou *um pouquinho* atrasada. — Com um leve dar de ombros, Arleta fez um gesto de pinça com os dedos.

— Menina, você está *sempre* atrasada. A fila de mercadores encerra às oito em ponto. Já fechou faz dez minutos. Sinto muito, Srta. Starstone. — A voz dele estava tomada de falsa empatia, acompanhada por uma expressão exagerada que ela tinha a sensação de ser só um teatro para quem estivesse vendo.

Arleta estremeceu.

— Sim, eu sei.

O quokkan tinha razão, é claro. Ela estava sempre atrasada, sempre correndo atrás das demandas da vida, e já havia lhe dado todas as suas desculpas antes.

Ela fazia todo o trabalho sozinha.

Não tinha mágica para ajudar.

O tempo lhe escapava quando estava tentando aperfeiçoar uma nova receita.

Os pães e doces precisavam ser vendidos em algum lugar, mas Arleta não tinha como pagar por um carrinho de comida decente, nem pela licença que teria de vir junto, ou, pelo amor das estrelas, poupar ouro o suficiente para de fato comprar uma *padaria* na cidade. O mercado era a única opção que tinha para vender seus produtos.

Mas Tonix Figlet não parecia se importar muito com nenhuma dessas questões, e muito menos com Arleta. Agora, se um *elfo* da região estivesse passando por dificuldades, era possível que ele lhe oferecesse certa gentileza, embora o que *realmente* importasse para Tonix fosse só a reputação de seu mercado. Todo mundo sabia disso.

E pessoas sem magia maculavam essa reputação.

– Sinto muito, não há mais vagas para hoje – disse o quokkan, e começou a se virar. – Talvez seja melhor você tentar de novo semana que vem.

Arleta estava incrivelmente ciente dessa dança entre ela e Tonix, a dança que a mantinha em seu lugar.

– Tenho pratos – disse, e logo enfiou a mão no bolso para puxar as moedas.

Ao tilintar do metal, Tonix girou de volta para ela, e sua expressão pareceu mais favorável, embora apenas por um instante.

Arleta aproveitou a deixa.

– Você ainda tem uma barraca vazia, e eu posso te oferecer... *seis* moedas por ela. – A barraca em questão era nos fundos e parcialmente escondida atrás de um poste, então na verdade mal valia as quatro moedas usuais, mas oferecer-lhe uma quantia maior sempre parecia amenizar o golpe de alugar para ela.

Arleta sentiu um peso no estômago ao estender as moedas. Elas pesavam em sua palma, um lembrete físico e familiar do sacrifício que estava fazendo. A não ser que vendesse tudo naquele dia e que clientes generosos enchessem seu jarro de gorjetas, pagar as moedas extras significaria ficar sem jantar por alguns dias e abrir mão de ingredientes especiais para uma receita nova que ela estava planejando testar.

Mas ali, naquele momento, não importava.

Arleta *precisava* daquela barraca.

Tinha que parar de viver semana a semana.

Ao seu redor, o mercado continuava zunindo com a atividade crescente. Mercadores preparavam seus estandes entre conversas amigáveis e uma ocasional explosão de risadas de um grupo passageiro de crianças. Churrasqueiras foram alimentadas, cobrindo o ar com cheiros de todo tipo de carne suculenta.

— Seis moedas — proclamou ela, como se fosse uma fortuna. Então acrescentou, com um tom que transbordava doçura: — Você não quer que o lugar pareça *vazio*, quer?

Arleta estava totalmente ciente de como esse último comentário seria uma pequena alfinetada. Tonix tinha uma reputação a manter, afinal, e até preencher o espaço com os produtos de uma mercadora amágica era melhor do que a cena sofrida de uma barraca vaga.

Enquanto esperava a resposta dele, a tensão cresceu entre os dois. Cada palavra que ela dizia era uma aposta, uma dança delicada, e ela precisava acertar todos os passos se quisesse garantir as vendas do dia.

— Feito. — O quokkan pegou as moedas da mão dela. — Agora some da minha frente.

— Obrigada, Sr. Figlet — agradeceu ela, com medo de ele mudar de ideia. Com um grunhido, Arleta pegou a barra do carrinho, correu para a barraca vazia, e por pouco não acertou o poste com a quina da carroça.

À sua esquerda estava uma minotaura vendendo joias personalizadas, usando um vestido floral que reluzia à luz do sol. Suas joias também brilhavam, refletindo um arco-íris de padrões

cintilantes nas barracas próximas. Arleta não teve como não admirar os desenhos intrincados, era uma peça mais linda do que a outra, embora nada que ela jamais fosse conseguir comprar.

À sua direita, o rico aroma de mel dourado flutuava da barraca de um halfling barbudo e forte. O estande dele estava adornado com jarros cheios de líquidos grossos de diferentes tons, do dourado pálido ao âmbar vivo. Cada um deles brilhava à luz do sol, lançando uma cortina dourada sobre tudo ao redor.

Nenhum dos dois mercadores disse oi, mas só de pensar em mel, a parte confeitadeira – que na verdade ocupava mais do que a parcela usual – do cérebro de Arleta se iluminou com mil ideias.

Bolos fofinhos de mel com chantili aveludado.

Folhado macio com cobertura de mel e nozes.

Água de rosas e pão de mel.

O estômago dela roncou, e Arleta soube que teria de pegar um jarro ou dois antes do final do dia.

*Se ganhasse o suficiente para pagar.*

– Foco – murmurou para si enquanto pegava uma elegante toalha de renda que havia sido da mãe e forrava a mesa. Toda vez que usava essa toalha em particular, era transportada de volta para uma época em que a cozinha da família ficava tomada pelo cheiro das delícias que sua mãe fazia no forno.

De volta para quando as coisas pareciam certas no mundo.

Arleta engoliu em seco o súbito nó de emoções que se formou em sua garganta e estendeu a toalha, tomando o cuidado de alisar todas as dobras e amassados, pois queria que ficasse perfeita.

Sua mãe havia sido uma ávida confeitadeira amadora. Foi de onde Arleta herdou a “paixão por doces”, assim como o formato bem definido do queixo.

Seu pai tinha um boticário. Quando era mais nova, ela achava a loja um mistério. No começo, lhe pareciam só um monte de jarros e garrafas estranhas nas prateleiras, mas com o passar do tempo aprendeu a apreciar as ervas e as plantas, e por fim esse conhecimento a ajudou a criar doces únicos e saborosos. Além disso, os ingredientes também tinham propriedades medicinais.

Ela acreditava que, quando os clientes comiam suas criações, elas os curavam de dentro para fora. Se não o corpo, então a alma.

Era a “pitadinha de magia” de Arleta: a forma como os ingredientes se combinavam e criavam algo novo e delicioso. Era um tipo de alquimia, e ela amava isso.

Mesmo que, como qualquer humano, não tivesse magia *de verdade* — eram os únicos seres das Terras do Norte que as estrelas e a terra se certificaram de que não tivessem.

Mais da metade dos humanos podia ser *afetada* por magia, mas nenhum era presenteado com o poder de usá-la, seja fluindo por seu sangue ou por meio da habilidade de canalizá-la externamente.

Arleta organizou seus produtos. As tortinhas de framboesa com tomilho eram sua mais nova criação. O toque terroso de ervas frescas com a doçura das framboesas era quase intoxicante, e ela sabia que a casquinha fina e delicada da massa derreteria na boca. Ao lado das tortinhas estavam os biscoitos de mirtilo, macios e crocantes. Verdreth e Ervash os haviam provado na noite anterior — embora como fossem orcs, seu “provar” normalmente envolvia uma quantidade maior do que Arleta esperava.

Havia também vários pães de fermentação natural com alecrim, enroladinhos de canela e minúsculos bolinhos de limão com lavanda, e cada um era uma pequena obra de arte. Por fim, colocou as plaquinhas de preço que Ervash entalhara em madeira para ela. Havia dito que não precisava, mas ele as fizera mesmo assim. O orc era um grande artista, com olhar afiado para detalhes.

Quando finalmente terminou de arrumar tudo, ela forçou um sorriso necessário. Tonix a espiou do outro lado do mercado, e Arleta abriu os braços para lhe mostrar a barraca pronta e bem abastecida.

Ela podia ser só humana, mas pelo menos seus pães e doces tinham um sabor mágico.





## dois



Quando o sol escaldante do meio-dia bateu na cobertura da barraca, todo o mercado havia diminuído o ritmo. As crianças sorridentes haviam ido embora, o cheiro de carne assada e a fumaça haviam dissipado. Duas vezes ao longo da manhã ela tentara conversar com o halfling que vendia mel, mas exceto por um grunhido resmungado, ele estivera sempre ocupado com outra coisa. O dia *fora* corrido, e Arleta sequer teve tempo de ver o que mais estava à venda.

Estava quase na hora de fechar, e Arleta se virou para conferir o que restava no carrinho. Vazio, o que era ótimo, mas...

Se fosse para julgar pelas *vendas*, ela teria pratas para o resto da semana, mas sempre havia muitos pechinchadores que a convenciam a abaixar o preço.

— São só produtos humanos — reclamavam, ou algo do tipo. — Não vou pagar tudo isso se posso conseguir doces feitos por fadas logo ali.

Então o cliente apontava para uma das barracas chiques, cheias de opções que, sim, pertencia a alguma fada, mas Arleta sabia que suas criações eram mais saborosas.

Só que isso não importava. Ela sempre acabava dando o desconto senão perdia a venda.

Ou vinte vendas.